

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JÉFERSON SOARES MORAIS

CAPITÃES DA AREIA, MARUJOS DO ESPAÇO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE
GEOGRAFIA E LITERATURA ATRAVÉS DA OBRA DE JORGE AMADO.

PORTO ALEGRE

2018

JÉFERSON SOARES MORAIS

CAPITÃES DA AREIA, MARUJOS DO ESPAÇO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE
GEOGRAFIA E LITERATURA ATRAVÉS DA OBRA DE JORGE AMADO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Morais, Jéferson Soares

Capitães da areia, marujos do espaço: uma aproximação entre Geografia e Literatura através da obra de Jorge Amado / Jéferson Soares Moraes. -- 2018. 56 f.

Orientador: Antonio Carlos Castrogiovanni.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Geografia. 2. Ensino. 3. Literatura. 4. Capitães da Areia. 5. Jorge Amado. I. Castrogiovanni, Antonio Carlos, orient. II. Título.

JÉFERSON SOARES MORAIS

CAPITÃES DA AREIA, MARUJOS DO ESPAÇO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE
GEOGRAFIA E LITERATURA ATRAVÉS DA OBRA DE JORGE AMADO.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aproado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Mestre Christiano Corrêa Teixeira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestre Lânderson Antória Barros - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutor Antonio Carlos Castrogiovanni - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

À Nívea Rejane Dias Soares, Giovani Cabral
Morais, Rodrigo Soares Morais, Maya, Angus e
Thor. Pelo amor acima de tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por ser a base de tudo. Aqueles que em qualquer momento estão prontos para dar apoio quando necessário, que trazem sorrisos e alegrias numa simples roda de chimarrão ou até mesmo que socorrem com um “pão velho” nos momentos de fome de carinho. A família é a base, pois foram – e continuam sendo-os responsáveis por mostrar caminhos, avisar das dificuldades, incentivar os primeiros gostos, as primeiras escolhas. É da minha família que vem a educação, o respeito às pessoas, a compaixão, o carinho e a força para enfrentar os obstáculos. É a partir de toda essa aprendizagem que venho me tornando uma pessoa capaz de conviver harmoniosamente com outros seres e principalmente, conviver comigo mesmo.

Agradeço aos meus amigos por ser a família que escolhi. Aqueles que chegaram com o decorrer do tempo e se acomodaram. Seja através da escola, do esporte, das noites, da faculdade, do trabalho. Aqueles que chegaram sem pedir nada e que entregaram muito para construção da pessoa que eu sou hoje.

Agradeço à minha companheira, que além de todo amor e carinho trocados, bastava um sorriso para aliviar a pressão desse período e proporcionar a serenidade suficiente para seguir em frente.

Agradeço a todos os professores e professoras que passaram pela minha formação como pessoa. A escolha pela docência foi baseada em todos esses contatos, considerando que, de alguma maneira, cada um tem uma parcela de contribuição pela minha decisão. Aprendi a respeitar e amar essa profissão, inicialmente, como todos esses mestres.

Agradeço aos autores dos livros que li, por conversarem comigo em silêncio e me ensinarem tanto sobre a vida, sobre as pessoas e sobre mim.

Agradeço ao meu orientador pela paciência, puxões de orelha, conselhos e elogios, que tornaram minha aprendizagem muito significativa e que foi essencial para a minha formação como professor.

Agradeço aos colegas da faculdade, com quem pude trocar dificuldades e alegrias e principalmente trocar forças para suportar essa etapa.

Agradeço aos colegas dos empregos por onde trabalhei, pelas risadas sempre presentes e pelos ensinamentos e aprendizagens trocados.

Agradeço aos colegas professores e alunos do Vestibular Popular Dandara dos Palmares pelo ano maravilhoso. Com eles aprendi a desenvolver uma série de valores, desde a minha atuação política e social até à minha autonomia.

A todos vocês meu muito obrigado!

“Não é só a morte que nivela; a loucura, o crime e a moléstia passam também a sua rasoura pelas distinções que inventamos. ” (Lima Barreto – O triste fim de Policarpo Quaresma).

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. ” (Paulo Freire - Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa).

RESUMO

O objetivo geral do trabalho é abordar o conceito de território através da geografização do texto literário “Os capitães da Areia”. O uso do livro tem o intuito de integrar o sujeito à prática de aula e possibilitar a melhor assimilação conceitual. Para isso, foi desenvolvida uma proposta metodológica qualitativa de aproximação interdisciplinar entre Geografia e Literatura. O método empregado foi o de caráter exploratório, se aproximando de uma análise descritiva de conteúdo e a técnica consistiu na análise de trechos do livro. O trabalho foi concluído com a percepção de que é possível trabalhar o conceito através da obra, fortalecendo a ideia de que ferramentas lúdicas e mais atraentes podem servir como uma estratégia para atrair o interesse dos sujeitos, aproximando o conhecimento geográfico de suas realidades concretas e possibilitando um melhor entendimento do conceito de território.

Palavras chave: Geografia; Ensino; Literatura; Capitães da Areia; Jorge Amado.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to approach the concept of territory through the geography perspective of the literary text "The Captains of the Sand". The use of this book aims to integrate the subject to the practice of class and enable the best conceptual assimilation. For this, it was developed a qualitative methodological proposal of an interdisciplinary approach between Geography and Literature. The method used was exploratory, approaching a descriptive analysis of content and the technique based on the analysis of excerpts from the book. The paper was concluded with the perception that it is possible to work the concept through the work, strengthening the idea that more attractive tools can serve as a strategy to attract the interest of the individuals, bringing geographic knowledge closer to their concrete realities and allowing a better understanding of the concept of territory.

Keywords: Geography; Education; Literature; Captains of the Sands; Jorge Amado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro metodológico.....	19
Figura 2: Quadro de sistematização do conceito de território.....	25
Figura 3: Mapa da cidade de Salvador e algumas áreas citadas na história.....	32
Figura 4: Exemplo da área central de uma cidade com a zona periférica do centro.....	36
Figura 5: Exemplo de mapa mental com a metodologia proposta.....	48

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	13
1.1 Inquietações.....	14
1.2 Justificativa.....	16
1.3 Objetivo geral.....	17
1.4 Objetivos específicos.....	17
1.5 Proposta Metodológica.....	18
2. REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 Espaço Geográfico.....	20
2.2 Território.....	22
2.3 Uma abordagem de aproximação à interdisciplinaridade.....	27
2.4 Literatura, Jorge Amado e um pouco de sua obra.....	30
3. DESENVOLVIMENTO	32
3.1 Trechos.....	32
3.2 Atividades.....	47
3.2.1 Mapa mental.....	49
3.2.2 Trabalho com as colunas do jornal presentes no livro.....	49
3.2.3. Leitura de textos de meios de comunicação atuais.....	50
3.2.4. Criação de contos.....	51
3.2.5. Criação de um jornal da turma.....	51
4. CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS	52
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, é importante explicitar que este trabalho não é estritamente uma proposta interdisciplinar, pois para isso seria necessário a participação de um professor de literatura na aplicação desta proposta, trazendo juntamente metodologias, objetivos e conceitos próprios da literatura. Entretanto, esta proposta possui o objetivo de ser aplicada de forma interdisciplinar e neste trabalho trago alguns elementos da geografia que poderiam ser trabalhados com a utilização da obra. É importante ressaltar que essa proposta é aberta no que se refere à sua aplicação. Ou seja, apresenta uma base de conceitos, objetos, e metodologias em que a geografia poderia ser trabalhada com a utilização da obra, mas que é aberta para ser adaptada aos interesses próprios dos professores e principalmente aos interesses e subjetividades dos sujeitos que participarão do projeto de aproximação interdisciplinar.

A utilização de uma obra literária para se trabalhar conceitos de geografia utilizando o imaginário do sujeito – proporcionando que o conceito seja desenvolvido dentro da história por ele interpretada – fornece uma opção estratégica ao professor para motivar os sujeitos e assim possibilitar que eles enxerguem a geografia de uma forma mais atrativa, percebendo sua importância no processo de interpretação do mundo.

O livro “Capitães da Areia”, escrito em 1937 pelo escritor baiano Jorge Amado, foi escolhido por trabalhar com uma temática fácil de ser absorvida por estudantes em idade escolar. O livro retrata a história de um grupo de jovens - de 8 a 16 anos - caracterizados nas palavras do próprio autor:

Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr nas ruas. Levavam vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. E o grupo era de mais de cem crianças, pois muitas outras não dormiam no trapiche. Se espalhavam nas portas dos arranha-céus, nas pontes, nos barcos virados na areia do Porto da Lenha. Nenhuma delas reclamava. Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o Padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don’Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio. Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. O Sem-Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida. (AMADO, 2009, p. 44).

Essa proximidade etária possibilita uma identificação dos sujeitos com as personagens da história, o que facilita a integração das mesmas com a aula que utiliza este meio. Além disso, o livro descreve situações de violência cometidas - e também sofridas - por essas crianças que se encontram - é importante falar - em uma realidade de abandono social. No desenvolver da narrativa é possível identificar a possibilidade de trabalhar com diversos conceitos geográficos - tanto pela riqueza das descrições do autor, quanto pela diversidade de situações que ocorrem - entretanto, escolhemos o conceito do território pela relação de poder entre o grupo e a cidade baiana que o livro nos apresenta.

A análise das relações existentes na história permite ao professor enriquecer o debate de questões sociais atuais, como por exemplo, a violência, a pena de morte, a maioridade penal, entre outras, utilizando, portanto, a obra como fonte de situações possíveis para utilizar como exemplo. Essa relação é possível justamente por uma das ferramentas literárias utilizadas pelo autor e característica do movimento que o mesmo faz parte: a verossimilhança. A verossimilhança é marcada pela coerência que acaba por tornar uma história de ficção intuitivamente verdadeira, ainda que seja inventada. Em outras palavras, é um episódio que poderia ter acontecido pela semelhança e proximidade dos elementos com a realidade.

1.1 Inquietações

A desvalorização da geografia e a subestimação de sua importância dentro da sala de aula como um saber que não será pré-requisito no mundo do trabalho - a não ser em cargos específicos - demonstram que a geografia tem sido abordada fazendo pouco ou nenhum sentido na vida dos sujeitos, ou seja, distante das suas vivências e subjetividades. Soma-se a isso um “senso comum” que promove como importantes apenas o conhecimento da linguagem – estritamente o conhecimento da língua portuguesa – e da matemática, ambos necessários para operações básicas exigidas pelo mercado de trabalho. Esse senso comum é muitas vezes reforçado institucionalmente, como por exemplo, no texto da Medida Provisória nº 746, de 2016 – conhecida popularmente como a reforma do ensino médio – sancionada como Lei nº 13.415 em 16 de fevereiro de 2017 e que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Nela, a desvalorização de alguns saberes em detrimento da língua portuguesa, da matemática e da língua inglesa, fica nítida quando apenas esses saberes são considerados obrigatórios nos três anos do ensino médio, como mostra o trecho: “O ensino da língua portuguesa e da

matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada, às comunidades indígenas, também a utilização das respectivas línguas maternas.” (BRASIL, Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, Art. 3º, § 3º). Paralelo a essa obrigatoriedade, outras disciplinas ficam a cargo da do contexto local e da possibilidade dos sistemas de ensino, saberes, como a geografia, tornam-se ainda mais desvalorizados e tem sua importância subestimada, o que resulta em graves lacunas no processo da interpretação do mundo ao seu redor e as relações deste consigo mesmo, por parte do sujeito, como mostra o artigo 36 da mesma lei:

Art. 4º O art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

- I - linguagens e suas tecnologias;
- II - matemática e suas tecnologias;
- III - ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - ciências humanas e sociais aplicadas;
- V - formação técnica e profissional.

§ 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino.

(BRASIL, Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, art 4º, grifos nossos).

Outra questão importante é: sendo necessário, para se trabalhar a geografia por um viés literário, uma mínima habilidade de interpretação textual por parte dos sujeitos é necessária. Com isso me questiono, com base na minha experiência durante o estágio curricular obrigatório, o quanto a falta de habilidade dos sujeitos na interpretação de textos – principalmente sujeitos de classes menos abastadas e com menores oportunidades de desenvolver seu capital cultural – não são originados pela falta do hábito de leitura e principalmente pela falta do desenvolvimento de uma leitura crítica e contextualizada, que além de absorver a informação, dê sentido a ela. Ou seja, a maioria dos sujeitos sai da escola letrado, porém não alfabetizado, o que resulta em cidadãos menos ativos política e socialmente, pois não são habituados a interpretar a complexidade do mundo atual.

Seguindo no assunto do baixo incentivo à leitura, surge outro questionamento: considerando o apelo bastante difundido atualmente sobre uma suposta doutrinação ideológica por parte dos professores, apelo esse reproduzido inclusive pelo recém-eleito presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, quando perguntado na entrevista que deu ao jornal O Globo no dia 5 de

novembro de 2018 sobre a gravação – por parte de alunos em sala de aula – de professores que estejam fazendo doutrinação, afirmou: “- Professor tem que se orgulhar e não ficar preocupado. Mau professor é o que se preocupa com isso aí.” (BOLSONARO, Jair in GUERRA, 2018) alegando haver uma “doutrinação desacerbada” por parte de professores. Até que ponto as ideias de se utilizar diferentes linguagens, como o livro “Capitães da Areia” escrito por Jorge Amado, não serão condenadas, considerando se tratar de um autor que se identificou com o comunismo?

Portanto, esse trabalho também possui um teor de protesto em relação à demonização da diversidade de ideias e de pontos de vista, justamente por utilizar uma obra que foi censurada durante a ditadura do Estado Novo, de modo que consideramos essencial para a formação de cidadãos autônomos – mais resistentes à manipulação de terceiros - a concepção de que verdades absolutas não existem, bem como a compreensão da fragilidade intelectual existente na perspectiva maniqueísta.

1.2 Justificativa

A desvalorização da geografia por parte da sociedade e conseqüentemente dos sujeitos, faz com que o trabalho do professor em sala de aula torne-se cada vez mais difícil, pois já precisa ultrapassar um desinteresse prévio por parte do indivíduo, que subestima a importância da geografia na sua vida, e conseqüentemente irá subestimar a importância daquela aula.

Com isso, a importância de encontrar métodos que proporcionem aos sujeitos enxergarem sentido na geografia para a vida deles é fundamental. Pensando nisso e aliando a um gosto particular pela literatura, questionamos a possibilidade da mesma ser usada para trabalhar conceitos geográficos através da geografização da textualidade literária. Enxergamos na literatura de Jorge Amado, uma riqueza de elementos que permitem o trabalho de alguns conceitos geográficos, como o território. Alcançando o imaginário do sujeito ao interpretar e contextualizar de maneira pessoal o texto, acreditamos que a compreensão de conceitos abstratos - como espaço geográfico, paisagem, território e lugar, que são essenciais para a interpretação geográfica do mundo - se tornará mais concreta quando o indivíduo conseguir conectar esses conceitos à realidade, através deste imaginário construído pelo próprio sujeito ao trabalhar com texto literário. Importante salientar que a contextualização histórico-geográfica do texto - que foi escrito no ano de 1937 - e a relação dessa contextualização com o período atual é essencial para que o indivíduo dê sentido ao texto.

Aliado à vastidão que trabalhar com o imaginário dos sujeitos oportuniza, o trabalho com o texto literário - que carrega uma linguagem mais lúdica e interessante -tende a tornar o contato com a geografia muito mais atraente e enriquecedor.

Por fim, considerando a escrita de Jorge Amado e o olhar crítico contido nas páginas de sua obra, trabalhar com esse texto possibilita que sejam discutidos em aulas temas bastante atuais e complexos - como a desigualdade social, a diminuição da maioria penal, a capacidade de recuperação que as instituições penais possuem, entre outros – além de poder uma ferramenta para trabalhar o desenvolvimento da interpretação textual e o olhar crítico dos sujeitos e das suas capacidades argumentativas, através de discussões baseadas em pesquisas prévias. O trabalho com esses temas atravessadores enriquece o ambiente escolar e o transcende, contribuindo para a formação de um sujeito mais atuante socialmente, que se posiciona e questiona e não simplesmente aceita verdades prontas e permanentes.

1.3 Objetivo geral

O objetivo geral é abordar o conhecimento geográfico a partir da geografização do texto literário – com o intuito de integrar o sujeito à prática de aula - desenvolvendo uma proposta metodológica de aproximação interdisciplinar entre Geografia e Literatura onde - através da obra “Os capitães da Areia” do escritor baiano Jorge Amado - seja trabalhado o conceito de território para a Geografia.

1.4 Objetivos específicos

Para alcançarmos o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar a textualidade geográfica do livro “Capitães de Areia” de Jorge Amado;
- Abordar o conceito de território a partir da textualidade da obra;
- Propor atividades para a construção do conhecimento geográfico a partir do livro.

Seguindo a lógica do objetivo geral, traçamos os objetivos específicos pensando da seguinte forma: Se o objetivo é uma aproximação entre geografia e literatura através da obra de Jorge Amado, a primeira coisa a ser feita é a leitura através de uma perspectiva geográfica do

livro, para assim identificar os elementos geográficos possíveis de serem trabalhados. Deste princípio, sugerimos que seja feita previamente uma leitura atenta da obra.

Depois de identificado o conceito a ser trabalhado - no caso deste trabalho escolhemos o conceito de território para geografia - o segundo passo será construir esse conceito geográfico a partir da textualidade contida no livro. Através da leitura geográfica será identificada qual a melhor abordagem e metodologia para a exploração do livro a fim de atingir os objetivos traçados.

Por fim, planejar e propor algumas atividades onde esse conceito – associado à textualidade – poderá ser trabalhado de uma forma compreensível e interessante para os sujeitos.

1.5 Proposta Metodológica

Como se pretende a aproximação da Geografia com a Literatura e a associação de ambas é algo que - além de trabalhar com a subjetividade do próprio leitor que interpreta o texto - pede certa flexibilidade metodológica, optamos por utilizar uma metodologia qualitativa para a pesquisa, pois, como afirma Castrogiovanni (2004):

A pesquisa qualitativa tem a preocupação em explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias da Cultura de cada sociedade; portanto, existe uma relatividade temporal. Dialoga com o cotidiano, a experiência, com o movimento que encerra a vida de cada Sujeito, e, também, com a compreensão das estruturas e instituições, como resultado da interação dos sujeitos, objetivada como um todo. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 142)

Ou seja, por se tratar de trechos que relatam situações influenciadas por inúmeras variáveis, tanto diretas, quanto indiretas, sejam elas externas aos personagens - como a estrutura social da época – ou internas, como a personalidade única de cada protagonista, a metodologia mais indicada é a que possibilita maior flexibilidade para a interpretação dessas subjetividades sem o risco de se submeter a um determinismo simplificado. A figura 1 apresenta a metodologia utilizada em um quadro didático:

Figura 1 – Quadro metodológico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	O QUE FAZER?	POR QUE FAZER?	COMO FAZER?
Analisar a textualidade geográfica do livro Capitães de Areia de Jorge Amado.	Leitura de trechos do livro em que serão analisados elementos através de uma perspectiva geográfica	Para que trabalhem conceitos geográficos aplicados a uma situação concreta, no caso o trecho analisado.	Serão distribuídos trechos do livro para os sujeitos, esses trechos serão lidos individualmente e depois discutidos em grupo. Durante a discussão será utilizado conceitos geográficos para interpretar o trecho do mesmo modo que o trecho ajudará na compreensão de conceitos da geografia.
Abordar o conceito de território a partir da textualidade da obra.	Trabalhar os conceitos utilizando tanto os trechos do livro, quanto as reportagens e histórias trazidas pelos sujeitos.	Para que compreendam os conceitos ao aplicarem os mesmos em situações concretas e do seu cotidiano.	Através de exposições dialogadas.
Propor atividades para a construção do conhecimento geográfico a partir do livro.	Propor uma atividade em que sejam trabalhados os conceitos utilizados na leitura geográfica do texto.	Para que apliquem os conhecimentos trabalhados até então.	Será proposta a confecção de um jornal da turma que trabalhe os elementos geográficos através de colunas de jornal, contos, notícias entre outros estilos literários.

Elaborado pelo autor.

Considerando as razões pela escolha metodológica, decidimos que o método a ser empregado é o de caráter exploratório, se aproximando de uma análise descritiva de conteúdo, em que tentaremos traduzir um diálogo entre a Geografia e a Literatura – utilizando uma técnica baseada na análise de trechos do livro - na busca da construção do conceito de território para um público de sujeitos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Espaço geográfico

O dicionário de língua portuguesa Michaelis informa que a palavra espaço possui origem no latim *spatium* e, como primeira definição, afirma ser uma “extensão tridimensional ilimitada ou infinitamente grande, que contém todos os seres e coisas e é campo de todos os eventos” (MICHAELIS, 2015). Interpretando essa definição já podemos conceber o espaço como uma noção de totalidade, uma arena que “contém todos os seres e coisas e é campo de todos os eventos”. O espaço geográfico, portanto, não se distancia deste sentido etimológico da palavra espaço, mas acrescenta uma perspectiva particular para a ciência geográfica, tendo em vista que outras áreas do saber utilizam a mesma palavra para representar determinadas relações, como por exemplo, a física, que considera espaço uma “distância percorrida por um corpo que se move em um tempo determinado” (MICHAELIS, 2015).

Ao longo do tempo, diversos geógrafos e geógrafas já discutiram a noção ou conceito do espaço geográfico para a geografia com o objetivo de utilizá-lo para uma compreensão mais completa do mundo devido à abrangência deste conceito. David Harvey em 1973, questiona a possibilidade de uma definição ontológica do espaço e defende a ideia de um espaço geográfico tripartite, formado por 3 noções distintas que se complementariam, sendo essas o espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional, onde a diferença estaria no foco e da percepção do observador. Espaço absoluto é o espaço das formas, portanto fixo, que permite padronizações; Espaço relativo, salienta a importância das referências escolhidas para analisar o espaço – o mesmo objeto pode ter diferentes análises de acordo com diferentes perspectivas. A concepção relativa do espaço também garante que esse não pode ser compreendido dissociada da noção temporal. Espaço relativo é o espaço dos fluxos; Espaço relacional compreende à uma complexificação da análise espaço-tempo, já que defende que o mesmo não é externo aos próprios processos: “Processos não ocorrem no espaço mas definem seu próprio quadro espacial. O conceito de espaço está embutido ou é interno ao processo” (Harvey, 2006, p.12). Ou seja, o espaço relacional compreende uma multiplicidade de experiências relacionadas ao longo do tempo histórico.

O espaço não é nem absoluto, nem relativo, nem relacional em si mesmo, mas ele pode tornar-se um ou outro separadamente ou simultaneamente em função das circunstâncias. O problema da concepção correta do espaço é resolvido pela prática humana em relação a ele. Em outros termos, não há respostas

filosóficas a questões filosóficas que concernem à natureza do espaço – as respostas se situam na prática humana. A questão “o que é o espaço? ”, é por consequência substituída pela questão “como é que diferentes práticas humanas criam e usam diferentes concepções de espaço? ” (HARVEY, 1973 apud HARVEY, 2006, p. 14).

Harvey portanto, não defende uma hierarquização entre essas três categorias de espaço, mas sim uma “tensão dialética” entre os mesmos, permitindo uma análise espacial mais ampla e complexa (HARVEY, 2006). Quando Kant, na “Crítica da Razão Pura” (1781) trata o espaço e o tempo – associados às sensações da percepção humana - como condições necessárias para a possibilidade de todo o conhecimento humano, ele indica essa mesma tensão dialética entre a materialidade do espaço, o tempo e o modo como esse espaço é percebido e significado:

III. Quando digo que no espaço e no tempo, tanto a intuição dos objetos exteriores como a intuição que o espírito tem de si próprio representam cada uma o seu objeto tal como ele afeta os nossos sentidos, ou seja, como aparece, isto não significa que esses objetos sejam simples aparência. Efetivamente, no fenômeno, os objetos, e mesmo as propriedades que lhes atribuímos, são sempre considerados algo realmente dado; na medida, porém, em que esta propriedade apenas depende do modo de intuição do sujeito na sua relação ao objeto dado, distingue-se este objeto, enquanto fenômeno, do que é enquanto objeto em si. (...). Com efeito, se considerarmos o espaço e o tempo como propriedades que, segundo a sua possibilidade, deveriam encontrar-se nas coisas em si e se refletirmos nos absurdos em que se cai, desde que se admitam duas coisas infinitas, que não são substâncias, nem algo realmente inerente às substâncias, mas que devem ser, contudo algo de existente e mesmo a condição necessária da existência de todas as coisas (KANT, 1787, B 68 – 71).

Outro geógrafo a trabalhar com o espaço geográfico como um conceito chave para a geografia, foi o brasileiro Milton Santos. No livro “A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção” (SANTOS, 2006) o autor, procura desvendar esse conceito e afirma que esse é o objeto de estudo para a ciência geográfica, sendo um livro importantíssimo para a epistemologia desta ciência no Brasil:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 2006, p. 39).

O espaço geográfico, então, é formado por um sistema de objetos – “tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou” (SANTOS, 2006, p. 46) - que se relaciona reciprocamente e também de forma contraditória com o sistema de ações – oriundo da atuação dos seres humanos, essa dotada de intencionalidade, como escreve na mesma obra:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2006, p. 39).

Logo, o espaço traz consigo uma noção de totalidade, pois engloba uma infinidade de relações. Dentro dessa perspectiva, o território é entendido com uma categoria analítica ou subcategoria que se forma a partir da noção de espaço.

2.2 Território

Da mesma forma como pesquisamos a origem da palavra espaço, a palavra território possui - assim como a primeira - origem no latim. *Territorium*, segundo o dicionário Michaelis, é basicamente uma grande porção de terra - daí o vocábulo latino *terra* que mantém a ligação com a materialidade física do planeta. Entretanto, o dicionário também traz a significação de que território é uma área sob jurisdição de uma autoridade (MICHAELIS, 2015). Quando pensamos em jurisdição e autoridade, está implícita a relação de poder, no sentido de que um determinado pedaço de terra está sob domínio de certo agente e aqueles que vivem nesta área estão subordinados a esse poder. Com essa perspectiva, entendemos o porquê de o conceito de território estar diretamente ligado a uma dimensão jurídico-política e ser um termo utilizado, por exemplo, para determinar a área interna aos limites de um Estado-nação.

Se fizermos uma breve análise da historiografia da geografia como saber e ciência, vamos encontrar diferentes perspectivas para a interpretação do conceito de território. Num período mais remoto, o conceito de território estaria ligado ao domínio de uma área de terra. Com o advento do Estado-nação, a noção de território se complexificou, se tornando uma noção jurídico-política associada também a um simbolismo - disseminado de forma a criar um sentimento de pertencimento, por parte da população, a determinado território. Durante o século XIX, período histórico moderno em que o método científico despontava como o meio de legitimação do saber e onde se desenvolveram diversas teorias evolucionistas - absorvendo características do trabalho de Darwin para as ciências humanas - a noção de território se tornou essencial para a soberania de um Estado-nação. O geógrafo alemão Friederich Ratzel, foi um dos maiores nomes desta geografia considerada mais pragmática, que trazia a necessidade de acumulação de território através da dominação de culturas “inferiores”, com o objetivo de suprir uma necessidade estratégica de recursos básicos. Importante lembrar que nesse período, a

revolução industrial estava – literalmente - à todo vapor, e a necessidade de recursos primários era eminente. A noção de território como um “espaço vital” (*Lebensraum* em alemão) influenciou e legitimou fortemente o movimento imperialista realizado pelas potências europeias em todo o planeta e não por acaso teve como consequência as duas grandes guerras mundiais (RATZEL, 1983).

Em contrapartida ao determinismo geográfico de Ratzel, a escola francesa – chamada também de possibilista – considerava haver uma relação mútua entre o ser humano e o meio, diferente da visão determinista, que afirma que o meio determina o ser humano. Essa ideia de relação mútua complexificou ainda mais a ciência geográfica, pois ampliava o universo de relações entre a sociedade e o meio físico. Nessa escola, encontramos mais trabalhos relacionados ao conceito de Região – que também trabalha com a ideia de relação de poder, relacionada à uma dimensão administrativa e jurídico-política com um viés mais de homogeneização e segmentação do espaço pelas semelhanças e diferenças, respectivamente – tendo como um dos principais nomes o francês Paul Vidal de la Blache. É importante ressaltar, que tanto a escola determinista, quanto a escola possibilista, estavam filosoficamente ligadas ao positivismo científico.

A partir dos do século XX, com o avanço do materialismo histórico dialético, sobretudo as ideias marxistas, nos deparamos com o período conhecido como geografia crítica. Neste período, podemos perceber uma análise do conceito de território mais ligada a uma concepção economicista, por exemplo, se observarmos as concepções correlatas desta perspectiva, como a “divisão territorial do trabalho”, o conceito de “classe social” e as “relações sociais de produção”, percebemos que são termos amplamente trabalhados pela escola marxista.

Claude Raffestin, no livro “Por uma Geografia do Poder” (1993), além de trazer a noção de totalidade do espaço já que o território se forma a partir do mesmo, indica que o território é resultado de uma ação de dominação/apropriação em um determinado espaço, ou seja, resultado de uma territorialização, como exemplificado no trecho:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Logo, Raffestin concorda com Milton Santos (2006) no que se refere à noção de totalidade do espaço e acrescenta à noção de território – apresentada pelas escolas anteriores -

a ideia de apropriação através de um meio abstrato, em que um espaço pode ser territorializado através de uma representação. Podemos inferir então, comparando com a noção de espaço de Milton Santos (2006), que esse espaço territorializado seria referente a um sistema de objetos e a apropriação, referente a um sistema de ações.

Após a chamada escola crítica, notamos na geografia um movimento chamado de geografia humanista, muitas vezes associado à corrente filosófica fenomenológica, que procura entender a geografia através de uma perspectiva mais cultural, portanto subjetiva. Nessa perspectiva, são levados em consideração sentimentos e sensações particulares em relação a algum fenômeno geográfico.

Refletindo, portanto, numa linha do tempo do conceito de território, esse vem absorvendo cada vez mais complexidade para a sua análise, inicialmente abrangendo apenas a dominação de uma determinada porção de terra, depois ganhando um caráter jurídico-político e administrativo, passando por uma visão mais crítica e contestadora de relações sociais e econômicas e, por fim, se complexificando ainda mais com a noção das subjetividades dos agentes a serem observados. Entretanto, essas mudanças e a complexificação do conceito em nenhum momento afastaram do território a sua ideia original de espaço onde ocorre relação de poder. Em todas essas dimensões são enxergadas relações desiguais de poder, sejam elas mais objetivas ou subjetivas e sempre considerando que, de alguma forma, essas estão relacionadas, pois pertencem a uma categoria de análise mais abrangente: o espaço geográfico.

Analisando a historiografia do conceito de território, optamos por utilizar o referencial teórico do geógrafo Rogério Haesbaert e da geógrafa Ester Limonad, que afirmam:

O território é sempre, e concomitantemente, apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, político-econômico) de um espaço socialmente partilhado (HAESBAERT E LIMONAD, 2007, P.42).

Para nós, sob a perspectiva dos autores citados, o conceito de território está baseado em relações de poder, apropriação, domínio e hierarquização de espaços, seja se consideramos o âmbito cultural, jurídico, político ou econômico. Logicamente, cada domínio possuirá particularidades nas formas de ação, consequências e agentes envolvidos, entretanto, em todos esses domínios a relação de poder é indissociável, seja através de meios objetivos e evidentes - como a legislação de um Estado-nação ou a dominação de uma rede de supermercados multinacional - seja através de meios mais subjetivos, de apropriação cultural - como a

utilização de fantasias de carnaval inspiradas na cultura indígena como forma de deboche. A figura 2 ilustra de forma didática uma sistematização da concepção de território nas diferentes dimensões apresentadas.

Figura 2 – Quadro de sistematização do conceito de território.

Dimensão Privilegiada	concepções correlatas	concepção de território	territorialização		perspectiva da Geografia	exemplos de trabalhos próximos a esta vertente
			principais atores/ agentes	principais vetores		
jurídico-política (majoritária, inclusive no âmbito da Geografia)	<ul style="list-style-type: none"> Estado-nação fronteiras políticas e limites político-administrativos 	um espaço delimitado e controlado sobre / por meio do qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal	<ul style="list-style-type: none"> Estado-nação diversas organizações políticas 	relações de dominação política e regulação	Geografia Política (Geopolítica)	Alliès (1980) a visão clássica de Ratzel
cultural(ista)	<ul style="list-style-type: none"> lugar e cotidiano identidade e alteridade social cultura e imaginário <p>(imaginário: "conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, em termos dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo")</p>	produto fundamentalmente da apropriação do espaço feita através do imaginário e/ou da identidade social	<ul style="list-style-type: none"> indivíduos grupos étnico-culturais 	relações de identificação cultural	Geografia Humanística e/ou Geografia Cultural	Deleuze e Guattari (1972) Tuan (1980 e 1983)
econômica (muitas vezes economicista) minoritária	<ul style="list-style-type: none"> divisão territorial do trabalho classes sociais e relações de produção 	(des)territorialização é vista como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho	<ul style="list-style-type: none"> empresas (capitalistas) trabalhadores Estados enquanto unidades econômicas 	relações sociais de produção	Geografia Econômica	Storper (1994) Benko (1996) Veltz (1996)

Fonte: (HAESBAERT E LIMONAD, 2007, p. 45)

Lendo a figura 2, constatamos que as dimensões jurídico-política e a econômica, são mais “concretas” que a dimensão cultural. Se observarmos, por exemplo, na segunda coluna - que fala sobre as concepções correlatas - podemos identificar uma visão mais objetiva, em que a noção de território é expressa numa situação clara de dominação. Já na dimensão cultural, a subjetividade permeia as relações de poder, tendo em vista que conceitos como o imaginário, a identidade social e a memória são essenciais para compreendermos as disputas territoriais, que por não serem tão evidentes – embora atuantes na configuração espacial - são tratadas como apropriação, num sentido mais simbólico. Com isso os agentes também não são os mesmos, de modo que nas dimensões mais objetivas os principais atores e agentes são meros conceitos ou agrupamento de indivíduos onde é considerando basicamente sua função e posição social. Já os

agentes e atores da dimensão cultural são subjetivos, considerando-se a individualidade dos sujeitos e dos grupos étnico-culturais e toda a complexidade envolvida. (Haesbaert e Limonad, 2007)

Para compreendermos a complexidade do conceito de território para a Geografia, acreditamos ser importante abordar a percepção de Haesbaert sobre o conceito de territorialização – ato de territorializar, como apontamos na referência à Raffestin posta na página 24 – apresentando os objetivos que ele, sintetiza temporalmente:

Podemos, simplificadaamente, falar em quatro grandes “fins” ou objetivos da territorialização, acumulados e distintamente valorizados ao longo do tempo:

- abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção;
- identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais (a começar pela própria fronteira).
- disciplinarização ou controle através do espaço (fortalecimento da idéia de indivíduo através de espaços também individualizados);
- construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações) (HAESBAERT, 2004, p.5).

Com isso, podemos perceber o quão complexa é essa teia de diferentes tipos de territorialização entrelaçadas, em diferentes escalas, dimensões, características e com diferentes objetivos, sem falar na sua constante movimentação, em que uma desterritorialização, gerará consequentemente um reterritorialização. Ou seja, um grupo social desterritorializado no meio urbano, como por exemplo os capitães da areia na chamada cidade alta de Salvador onde não são bem-vindos, se reterritorializará no trapiche abandonado. Da mesma forma os espaços estão inseridos nesse movimento. O trapiche se torna desterritorializado da sua função econômica com o surgimento do porto, ao passo que se tornará reterritorializado na função de abrigo pelas crianças de rua.

Importante também pontuar – mesmo que de forma resumida – a importância do conceito de territorialidade que Raffestin (1993), ainda no livro “Por uma Geografia do Poder” aborda:

De acordo com a nossa perspectiva, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

Haesbaert, define a territorialidade como sendo “as propriedades gerais necessárias à construção territorial” (HAESBAERT, 2004, p.10), que por si só é abstrata, já que provém do imaginário

humano. Conectando as duas ideias citadas sobre territorialidade, percebemos a importância de a mesma ser entendida, de forma multidimensionada, de acordo com a complexidade das relações humanas, como a essência do território, necessariamente analisada dentro de uma perspectiva coletiva, de relações de poder, sejam essas simétricas (equilibradas) ou assimétricas.

2.3 Uma abordagem de aproximação à interdisciplinaridade

A ciência moderna, baseada fortemente no princípio cartesiano, fragmentador e reducionista de René Descartes (1637), é a base estrutural do saber escolar do século XXI, embora Descartes tenha vivido entre o século XVI e XVII. Esse princípio incidiu na fragmentação do conhecimento em disciplinas distintas, que são estudadas especificamente a fim de organizar e sistematizar o conhecimento científico. O francês Edgard Morin (2002), entende que disciplinaridade é:

Uma categoria que organiza o conhecimento científico e que institui nesse conhecimento a divisão e a especialização do trabalho respondendo à diversidade de domínios que as ciências recobrem. Apesar de estar englobada num conjunto científico mais vasto, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação de suas fronteiras, pela linguagem que instaura, pelas técnicas que é levada a elaborar ou a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias (MORIN, 2002, p. 37).

Portanto, através da perspectiva de Morin (2002), podemos inferir que a redução e fragmentação científica, apesar de ter possibilitado diversos avanços, tende a ignorar “o conjunto científico mais vasto” justamente por possuir linguagens e métodos particulares, o que dificulta a comunicação entre as ciências. Entretanto, entendemos que o saber em geral é algo externo a essa fragmentação, pois na natureza não há diferenciação estrita entre os elementos científicos, estando todos relacionados de alguma forma, sejam eles tidos como “exatos” ou “humanos”. O mesmo Morin, quando critica o paradigma simplificador: “[...] ou o princípio da simplicidade separa o que está ligado (disjunção), ou unifica o que é diverso (redução)” (MORIN, 2005, p. 59), nos faz refletir que a simples soma das partes (disciplinas) não é capaz de suprir a totalidade do saber da realidade, que é uma espécie de teia de infinitas relações complexas e não uma simples sobreposição de conceitos. A importância do desenvolvimento do olhar global e sintético em frente ao analítico reducionista resultou em técnicas de aproximação das disciplinas, como a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, entre outras.

Para Hilton Japiassú (1976), a multidisciplinaridade:

(...) evoca uma simples justaposição, num trabalho determinado, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar necessariamente um trabalho de equipe e coordenado. Quando nos situamos no nível do simples multidisciplinar, a solução de um problema só exige informações tomadas de empréstimo a duas ou mais especialidades ou setores do conhecimento, sem que as disciplinas levadas a contribuir por aquela que as utiliza sejam modificadas ou enriquecidas (JAPIASSÚ, 1976, p. 72-73).

Interpretando a visão do autor sobre a multidisciplinaridade, entendemos que ainda que essa busque a relação de diferentes disciplinas, esse método não consiste de fato em uma conexão entre elas. O autor o considera simples pelo fato de apenas serem utilizadas “informações tomadas de empréstimo” de outras disciplinas, num sentido único em que apenas uma disciplina se beneficia pela ampliação do campo de visão. Apesar de realizar uma interpretação partindo do ponto de vista de outra disciplina – o que engradece muito um trabalho – ela segue apenas um sentido, o do objeto de estudo da disciplina que toma emprestada as informações diferentes além também de não buscar uma interação no nível metodológico. Ou seja, não há troca de saber entre as disciplinas.

Já o conceito de interdisciplinaridade aparece como um método que tem como objetivo ampliar essa relação, desenvolvendo a conexão entre as disciplinas, em que em um trabalho ambas colham os frutos da troca de saber entre as diferentes áreas. Hilton Japiassú (1976) caracteriza a interdisciplinaridade como:

(...) o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a *interações propriamente ditas*, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida (JAPIASSÚ, 1976, p. 75).

Percebemos então a diferença entre ambas as metodologias, estando essa diferença calcada no nível de conexão e troca de saberes entre as disciplinas, que desencadearão consequências de enriquecimento distintas. A interdisciplinaridade tende a garantir uma reciprocidade através da superação das fronteiras disciplinares, garantindo um intercâmbio de informações, técnicas, conceitos e métodos, que construirão um trabalho interdisciplinar com a construção conjunta entre as diferentes disciplinas.

Gaudêncio Frigotto (2008) enaltece a importância da interdisciplinaridade quando afirma que:

A necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na

natureza intersubjetiva de sua apreensão, caráter uno e diverso da realidade social nos impõe distinguir os limites reais dos sujeitos que investigam dos limites do objeto investigado. Delimitar um objeto para a investigação não é fragmentá-lo, ou limitá-lo arbitrariamente. Ou seja, se o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema isto não significa que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. É neste sentido que mesmo delimitado um fato teima em não perder o tecido da totalidade de que faz parte indissociável (FRIGOTTO, 2008, p. 42).

A importância da noção de totalidade discutida aqui também é exaltada por Sílvio Gallo (2009), quando fala sobre a importância do conhecimento globalizante:

A realidade do ensino contemporâneo é a compartimentalização do conhecimento, fenômeno constituinte de um todo maior, a especialização do saber. Nas sociedades antigas, a produção do conhecimento fazia-se em resposta às necessidades de explicação de uma realidade misteriosa que era experimentada no dia-a-dia, espantando os nossos ancestrais e levando-os a formular questões fundamentais em torno do sentido da vida e do universo. As respostas então construídas estavam inseridas naquele contexto social e eram necessariamente globalizantes: misturavam religiosidade, engenhosidade e praticidade (GALLO, 2009, p.17).

Importante perceber a ligação do conhecimento dito científico com aquele tratado como mitologia ou conhecimento popular, que são tratados com uma legitimidade diferente. Estes saberes também fazem parte do conhecimento e servem para a interpretação da realidade. Além disso, podem servir como elo com os sujeitos, a ponto de possibilitarem uma proximidade desses com o conhecimento que se quer compartilhar em sala de aula. No livro “Pedagogia da Autonomia” Paulo Freire questiona: “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que eles têm como indivíduos? ” (FREIRE, 1996, p. 30).

Pensando, então, nas possibilidades metodológicas citadas acima é que baseamos nosso trabalho em uma proposta de aproximação interdisciplinar, justamente por ter sido construída a partir do ponto de vista da geografia. Entretanto não se caracteriza como um simples trabalho multidisciplinar, pois possui o interesse de enriquecimento da literatura através da utilização dos conceitos geográficos na análise da obra e acima de tudo, enfatizamos a importância de essa proposta ser adaptada à realidade da escola em que for aplicada, conjuntamente com os professores de literatura – e logicamente com os alunos - e exatamente por isso, deixamos em aberto a proposta, procurando apenas propor uma ideia, sem muitos detalhes, que serão definidos a partir da particularidade e das discussões propostas dentro da realidade a ser aplicada.

2.4 Literatura, Jorge Amado e um pouco de sua obra

Jorge Amado, dentro do panorama literário, faz parte do que alguns autores chamam de segunda fase do modernismo, ou romance de 30. Segundo o livro “Curso de Literatura Brasileira” (2004), de Sergius Gonzaga, o romance de 30 é um termo utilizado “para designar o conjunto de narrativas, escritas (...) com uma visão de mundo crítica, idêntico sentido missionário da literatura e padrões artísticos comuns, bastante próximos do realismo do século XIX” (GONZAGA, 2004, p. 347). No caso ele se diferencia da 1ª fase romântica (geração de 22) justamente por uma característica mais crítica e pelas narrativas estarem próximas ao realismo. Alguns autores renomados que são relacionados com mesmo período pelas características literárias semelhantes são: José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Cyro dos Anjos, Dyonélio Machado, entre outros.

As características, encontradas na mesma obra citada anteriormente, dessa fase são:

- Verossimilhança: uma história com elementos concretos da realidade, porém que não aconteceu. Muito utilizada para textos de denúncia social, como o próprio “Capitães da Areia”;
- Linearidade narrativa: obras que permitem uma fácil noção temporal e espacial;
- Tipificação Social: personificação das classes sociais através das personagens;
- Estrutura histórica: informam ao leitor, com facilidade, a estrutura histórica, social e econômica, a fim de desenvolver a sua perspectiva crítica;
- Linguagem coloquial: de fácil acesso à população, estritamente ligada a ideia de informar a população. São obras que falam do povo para o povo.

Todas essas características estão diretamente relacionadas com o contexto histórico da época. A década de 30 é bastante importante para compreendermos a história brasileira. É nesse período que a “política do café com leite” - como era chamado o período da República Velha dominado pela elite política e econômica de São Paulo e Minas Gerais – enfraquece, influenciada pelo crack da bolsa de Nova York e abre espaço para o golpe militar de 1930, orquestrado pela elite dos estados que estavam à margem da República Velha e com isso colocam Getúlio Vargas no Poder. Importante termos em mente que o movimento comunista ganhou muita força em todo o mundo após a revolução russa de 1917 e influenciou diversos intelectuais, inclusive Jorge Amado foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro.

Jorge Amado, nascido em 1912 na cidade Itabuna-BA, em uma família que prosperou através do meio rural no período da República Velha e que empobreceu, postumamente através da crise desse sistema oligárquico – inclusive há relatos de que seu pai participou de lutas por posse de terra na região – estudou direito no Rio de Janeiro e lá se vinculou ao partido comunista. Em 1937 escreveu o livro *Capitães da Areia*, mesmo ano em que foi implantado no Brasil o Estado Novo, regime no qual a repressão a ideias contrárias ao governo e autoritarismo eram práticas base do sistema. Tanto que essa obra foi queimada pela polícia, o que de certa forma acabou por fazê-la se tornar mais famosa ainda.

Assim como o período modernista é dividido em dois, a obra de Jorge Amado também é. Em sua primeira fase, as obras são caracterizadas por sua ideologia política, onde sua escrita se torna uma arma para retratar o universo das classes populares – tanto urbano como no caso de “*Capitães da Areia*” (1937), quanto rural como no caso de “*Cacau*” (1934) – contado a história por uma ótica dos grupos marginalizados. É importante perceber o interesse de Jorge Amado em idealizar essas personagens, de acordo com a sua ideologia e a sua intenção de criticidade.

A segunda fase de Jorge Amado é tida como uma fase de nova expressão artística, essa mais distante de um manifesto político explícito – Jorge se afastou do partido comunista no final da década de 50 – mas ainda mantendo a sua literatura centrada nos setores populares da sociedade nordestina. Entretanto a sua escrita ainda traz um sentimento de luta, agora contra os valores morais-cristão-tradicionais e os preconceitos sociais. Algumas das suas obras famosas desse período foram transmitidas pela televisão brasileira na forma de telenovelas, como “*Gabriela, cravo e canela*” (1958), “*Dona Flor e seus dois maridos*” (1966) e “*Tieta do Agreste*” (1977).

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Trechos

A história se passa na cidade de Salvador, no início do século XX. Diversas regiões da cidade são mencionadas no texto, como o cais, o Mercado Modelo, os bairros Vitória, Graça e Barra, onde residem as populações mais abastadas, entre outras referências à cidade baiana.

Essas referências nos indicam a atuação dos Capitães na cidade, próximo ao centro histórico e na área do cais. O trapiche se localiza no areal do cais onde anteriormente era mar e agora, devido ao aterramento para a ampliação do porto, é areia. Por isso não possui mais função para a cidade. O mapa expresso na figura 3 apresenta a região de Salvador onde a história se passa, ressaltando alguns das áreas citadas.

Figura 3 – Mapa da cidade de Salvador e algumas áreas citadas na história.



Fonte: *google maps* (marcações do autor).

Através da análise de trechos do livro, podemos enxergar diversas manifestações do conceito de território para a geografia, lembrando ser importantíssimo – como abordado no referencial teórico – trabalhar a noção de espaço geográfico, a partir de onde se poderá abordar as conceituações acerca do território em suas dimensões político-jurídica, econômica e cultural.

Para trabalharmos o conceito de território, selecionamos a parte inicial do livro de Jorge Amado, onde encontramos trechos de cartas de diversos agentes da sociedade baiana para o Jornal da Tarde - veículo midiático que informa a sociedade local dentro da ficção. Nesses trechos, percebemos as relações de poder entre as diferentes classes sociais assim como os interesses de cada agente, através das mensagens contidas nas cartas.

Optamos por colocar os trechos dentro do corpo do texto e não em anexo para facilitar a leitura e interpretação, os trechos estão intercalados com comentários referentes à interpretação dos mesmos. Foi utilizado um espaçamento menor e o formato itálico para identificar os trechos retirados do livro.

Trecho 1 - Reportagem publicada no jornal da Tarde, na página de Fatos Policiais, com um clichê da casa do comendador e um deste no momento em que era condecorado (AMADO, 2009 p. 9 – 12):

CRIANÇAS LADRONAS

(Manchetes) As aventuras sinistras dos "Capitães da Areia" - A cidade infestada por crianças que vivem do furto - Urge uma providência do Juiz de Menores e do chefe de Polícia - Ontem houve mais um assalto

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos "Capitães da Areia", nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada. Como também ainda não foi localizado o local onde escondem o produto dos seus assaltos, que se tornam diários, fazendo jus a uma imediata providência do juiz de menores e do dr. Chefe de Polícia.

Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de "Capitães da Areia" porque o cais é o seu quartel-general. E têm por comandante um mascote dos seus 14 anos, que é o mais terrível de todos, não só ladrão

como já autor de um crime de ferimentos graves, praticado na tarde de ontem. Infelizmente a Identidade deste chefe é desconhecida.

O que se faz necessário é unia urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos Institutos de reforma de crianças ou às prisões. Passemos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vítima um honrado comerciante da nossa praça, que teve sua residência furtada em mais de um conto de réis e um seu empregado ferido pelo desalmado chefe dessa malta de jovens bandidos.

NA RESIDÊNCIA DO COMENDADOR JOSE FERREIRA

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praga, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos "Capitães da Areia".

Os relógios badalavam as três horas da tarde e a cidade abafava de calor quando o jardineiro notou que algumas crianças vestidas de molambos rondavam o jardim da residência do comendador. O jardineiro tratou de afastar da frente da casa aqueles incômodos visitantes. E, como eles continuassem o seu caminho, descendo a rua, Ramiro, o jardineiro, voltou ao seu trabalho nos jardins do fiando do palacete. Minutos depois, porém, era o

ASSALTO

Não tinham passado ainda cinco minutos quando o jardineiro Ramiro ouviu gritos assustados vindos do interior da residência. Eram gritos de pessoas terrivelmente assustadas. Armando-se de uma foice o jardineiro penetrou na casa e mal teve tempo de ver vários moleques que, como um bando de demônios (na expressão curiosa de Ramiro), fugiam saltando as janelas, carregados com objetos de valor da sala de jantar. A empregada que havia gritado estava cuidando da senhora do comendador, que tivera um ligeiro desmaio em virtude do susto que passara. O Jardineiro dirigiu-se às pressas para o jardim, onde teve lugar a

LUTA

Aconteceu que no jardim a linda criança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos "Capitães da Areia", que é reconhecível devido a um talho que tem no rosto. Na sua inocência, Raul ria para o malvado, que sem dúvida pensava em furtá-lo. O jardineiro se atirou então em cima do ladrão. Não esperava, porém, pela reação do moleque, que se revelou um mestre nestas brigas. E o resultado é que, quando pensava ter seguro o chefe da malta, o jardineiro recebeu uma punhalada no ombro e logo em seguida outra no braço, sendo obrigado a largar o criminoso, que fugiu.

A polícia tomou conhecimento do fato, mas até o momento que escrevemos a presente nota nenhum rastro dos "Capitães da Areia" foi encontrado. O Comendador José Ferreira, ouvido pela nossa reportagem, avalia o seu prejuízo em mais de um conto de réis, pois só o pequeno relógio de sua esposa estava avaliado em 900\$ e foi furtado.

URGE UMA PROVIDÊNCIA

Os moradores do aristocrático bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos "Capitães da Areia". Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre Chefe de Polícia e o não menos ilustre dr. Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão Jovens e já tão ousados.

A OPINIÃO DA INOCÊNCIA

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginásianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos "Capitães da Areia".

- Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras.

Ficamos então a pensar neste outro delicado problema para a infância que é o cinema, que tanta ideia errada infunde às crianças acerca da vida. Outro problema que está merecendo a atenção do Dr. Juiz de Maiores. A ele volveremos.

O jornal, na primeira reportagem inicia, antes de qualquer coisa, se legitimando através da afirmação “o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana”, ou seja, seus interesses estão alinhados com os da população baiana, o que já abre uma brecha para se discutir a qual parte da população esses interesses estariam alinhados. Logo após atestar sua credibilidade, o jornal ataca “o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe” como sendo um “bando que vive da rapina” composto por “crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos”. Usando como base teórica o quadro representado pela figura 2 situado na página 24, o jornal demonstra que há uma desterritorialização jurídico-política dos “Capitães da Areia”, já que estes estão à margem do sistema de leis, ao passo que a transgredem através dos roubos e furtos. Da mesma forma demonstra uma desterritorialização no âmbito cultural, pois o mesmo grupo está em contradição com as “legítimas aspirações da população baiana”, não estando inseridos na mesma. A existência do grupo, na perspectiva do jornal é devido ao desprezo em relação à educação das crianças por seus pais “poucos servidos de sentimentos cristãos”, trazendo novamente a ideia da territorialização cultural, ao passo que indica que os valores cristãos são as referências necessárias para o desenvolvimento de um cidadão socialmente aceito e conseqüentemente, desterritorializando as religiões não cristãs,

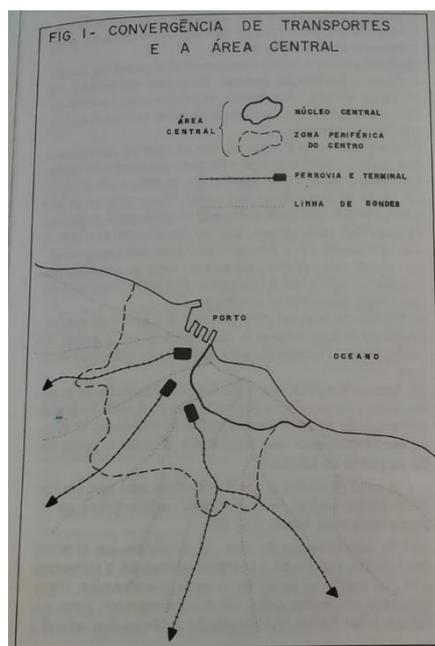
como a afro-brasileira, que é bastante presente na cidade baiana. Fazendo uma ligação com a geopolítica, a hierarquização cultural, bastante difundida durante o século XIX, legitimou o imperialismo europeu através da dominação violenta de territórios ocupados por culturas inferiores e “selvagens”, que necessitariam do processo de civilização levado pelos neocolonizadores, como foi posto no referencial teórico, quando citado o determinismo geográfico de Ratzel - que crê em uma hierarquização cultural - legitimando essas práticas de violência e conquistas no século XIX.

Outra consideração sobre o conceito de território que pode ser analisada através dessa reportagem é a setorização da cidade pelo nível de renda. As crianças vivem num trapiche abandonado próximo ao cais de Salvador, uma área não residencial e de certo abandono por parte da administração pública, já que é o local onde os navios desembarcam e embarcam as mercadorias e onde há menos atrativos. Roberto Lobato Corrêa, no livro “O Espaço Urbano” (1999), caracteriza essa zona, voltada para sustentar logisticamente o abastecimento da cidade, como “zona periférica do centro” que entre outras características consiste em uma:

Área de baixo status social. A zona periférica do centro apresenta um amplo setor residencial caracterizado por residências populares e de baixa classe média, muitas delas deterioradas, como os cortiços, onde reside parcela da população que trabalha na área (CORRÊA, 1999, p. 43).

O autor ainda representa essa zona no croqui apresentado na figura 4.

Figura 4 – Exemplo da área central de uma cidade com a zona periférica do centro.



Fonte: (CORRÊA, 1999, p. 43).

O trapiche inclusive não possuía mais função econômica sendo, portanto, frequentado apenas pelos capitães e ratos. Já o local em que os capitães cometiam os assaltos estavam localizados na cidade alta, na parte residencial e aristocrática da capital baiana. A distinção territorial transcende a simples limitação física e atinge os corpos das crianças, marcadas pela estereotipização, como mostra o trecho em que o jornal relata o ambiente da casa assaltada e a ação dos empregados com a presença das crianças:

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praga, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos "Capitães da Areia".

Os relógios badalavam as três horas da tarde e a cidade abafava de calor quando o jardineiro notou que algumas crianças vestidas de molambos rondavam o jardim da residência do comendador. O jardineiro tratou de afastar da frente da casa aqueles incômodos visitantes (AMADO, 2009, p. 10).

O preconceito presente no texto do jornal invade o imaginário da população baiana, que com certeza, ligará toda criança vestida de forma simples com o grupo e gerará uma ação repulsiva, uma exclusão das crianças, por parte dos moradores.

Trecho 2 – Carta do secretário do chefe de polícia publicada em primeira página do Jornal da Tarde, com clichê do chefe de polícia e um vasto comentário elogioso (AMADO, 2009, p. 13).

CARTA DO SECRETÁRIO DO CHEFE DE POLÍCIA À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Sr. Diretor do Jornal da Tarde

Cordiais saudações.

Tendo chegado ao conhecimento do Dr. Chefe de Polícia a local publicada ontem na segunda edição desse jornal sobre as atividades dos "Capitães da Areia", bando de crianças delinquentes, e o assalto levado a efeito por este mesmo bando na residência do comendador José Ferreira, o dr. Chefe de Polícia se apressa a comunicar à direção deste jornal que a solução do problema compete antes ao juiz de maiores que à policia. A policia neste caso deve agir em obediência a um pedido do Dr. Juiz de Menores. Mas que, no entanto, vai tomar sérias providências para que semelhantes atentados não se

repitam e para que os autores do de anteontem sejam presos para sofrerem o castigo merecido.

Pelo exposto fica claramente provado que a polícia não merece nenhuma crítica pela sua atitude em face desse problema. Não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores.

Cordiais saudações.

Secretário do Chefe de Polícia.

A carta enviada pelo secretário do chefe de polícia revela a direção da responsabilidade para o Juiz de menor, retirando da polícia qualquer culpa. Ainda é possível notar a torcida do mesmo representante da instituição que o “*bando de crianças delinquentes*” receba o castigo merecido e não uma possível reabilitação social.

Trecho 3 – Carta do dr, Juiz de menores publicada no jornal da Tarde com o clichê do juiz de menores em uma coluna e um pequeno comentário elogioso (AMADO, 2009, p. 14 – 15).

CARTA DO DOUTOR JUIZ DE MENORES À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Exmo. Sr. Diretor do Jornal da Tarde.

Cidade do Salvador

Neste Estado.

Meu caro patrício.

Cordiais saudações.

Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as múltiplas e variadas preocupações do meu espinhoso cargo, o vosso brilhante vespertino, tomei conhecimento de uma epístola do infatigável doutor Chefe de Polícia do Estado, na qual dizia dos motivos por que a Polícia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinquentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o doutor Chefe de Polícia declarando que não possuía ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinquência infantil. Sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigável Chefia de Polícia, sou obrigado, a bem da verdade (essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz puríssima), a declarar que a desculpa não procede. Não procede, sr. Diretor, porque ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinquentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer

processo conta eles instaurado, etc. Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o sr. doutor Chefe de Polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama, porque jamais, em 50 anos de vida impoluta, deixei de cumpri-lo.

Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porém, de que fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. Por quê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia.

O que quero deixar claro e cristalino, sr. Diretor, é que o doutor Chefe de Polícia pode contar com a melhor ajuda deste juizado de menores para intensificar a campanha contra os menores delinquentes.

De V. Exa., admirador e patricio grato, Juiz de Menores.

O Juiz de menores, assim como o jornal no primeiro trecho, preocupa-se em legitimar as boas intenções de sua verdade, quando afirma que, “*essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz puríssima*”. Logo após declaração de sua conduta moral, afirma não ser competência do juizado a captura dos jovens. Lembra ainda que mandou diversas crianças para o reformatório e cita esse com um “estabelecimento de educação” “*onde são tratados com o maior carinho*”.

Trecho 4 – Carta de uma mãe, costureira, publicada na quinta pagina do jornal da Tarde, entre anúncios, sem clichês e sem comentários (AMADO, 2009, p.16 - 17).

CARTA DE UMA MÃE, COSTUREIRA, À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Sr. Redator:

Desculpe os erros e a letra pois não sou costureira nestas coisas de escrever e se oje venho a vossa presença é para botar os pontos nos ii. Vi no jornal uma notícia sobre os furtos dos "Capitães da Areia" e logo depois veio a polícia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres. É pra falar no tal do reformatório que eu escrevo estas mal traçadas linhas. Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho

Alonso teve lá seis meses e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor de lá vive caíndo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi isso muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo. Foi por isso que tirei meu filho de lá. Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, há de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte aguenta, e as surras que tomam. Mas é preciso que vá secreto senão se eles souberem vira um céu aberto. Vá de repente e há de ver quem tem razão. E por essas e outras que existem os "Capitães da Areia". Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatório. Se o senhor quiser ver uma coisa de cortar o coração vá lá. Também se quiser pode conversar com o Padre José Pedro, que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele também pode contar e com melhores palavras que eu não tenho.

Maria Ricardina, costureira.

Primeiramente, é interessante reparar a quem são destinadas as cartas. Tanto o representante da polícia quanto o juiz de menores, enviam a carta ao diretor do jornal, já, Maria Ricardina, envia ao redator, o que já demonstra certo distanciamento de pessoas em cargos mais altos, claramente uma distinção feita pela hierarquização social. Diferente do texto do Jornal e do Juiz de menores, Maria Ricardina – uma costureira representante da população e sem ocupar algum espaço social de destaque – ao invés de legitimar a sua fala, procura se desculpar por não dominar a linguagem formal e apesar de possuir um relato de vivência em relação ao reformatório – de olhar crítico devido ao tratamento violento – não ganha destaque no jornal, já que sai na quinta página entre anúncios e sem comentários, desvelando a desimportância de suas palavras para o veículo de comunicação. Logicamente, essa indiferença do jornal em relação à costureira está relacionada com a proximidade que o diretor do jornal possui com o diretor do reformatório, caracterizando o quanto a relação de poder dentro da sociedade influencia na informação e na construção do imaginário sobre a cidade.

Trecho 5 – Carta do padre José Pedro publicada na terceira página do Jornal da Tarde, sob o título “Será Verdade?” e sem comentários (AMADO, 2009, p. 18).

CARTA DO PADRE JOSE PEDRO À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Sr. Redator do Jornal da Tarde.

Saudações em Cristo.

Tendo lido, no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao

reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave Mestre, sr. Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceitá-lo devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto, sr. Redator, daria um volume.

Muito grato pela atenção.

Servo em Cristo,

Padre José Pedro

Assim como Maria Ricardina, o padre José Pedro também envia a carta ao redator, claro sinal de humildade e também relacionado ao baixo prestígio que o mesmo possui na sociedade baiana, não possuindo nem mesmo uma paróquia – algo que ele busca durante o passar da história – e também identifica seu pequeno poder. Da mesma forma que expressa o texto de Maria Ricardina, o padre olha para as crianças com maior senso de humanidade, questionando os métodos do reformatório e comprovando as denúncias feitas pela costureira. Tanto é pouco o prestígio do padre frente ao poder do diretor do reformatório, que mesmo sendo um representante religioso do cristianismo, base dos valores morais da elite baiana, que o jornal questiona a veracidade das palavras do padre, exposto no título “*Será verdade*” que antecede a carta no jornal. Assim como a costureira, o padre se localiza em uma parte menos valorizada do jornal, ainda que esteja em parte mais prestigiada do que a parte onde foi impressa a carta de Maria Ricardina.

Trecho 6 – Carta do diretor do reformatório publicada na 3º página do Jornal da Tarde com um clichê do reformatório e uma notícia adiantando que na próxima segunda-feira irá um redator do Jornal da Tarde ao reformatório (AMADO, 2009, p.19 - 20).

CARTA DO DIRETOR DO REFORMATÓRIO À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Exmo. Sr. Diretor do Jornal da Tarde.

Saudações.

Tenho acompanhado com grande interesse a campanha que o brilhante órgão da imprensa baiana, que com tão rútila inteligência dirigis, tem feito contra os crimes

apavorantes dos "Capitães da areia", bando de delinquentes que amedronta a cidade e impede que ela viva sossegadamente.

Foi assim que li duas cartas de acusações contra o estabelecimento que dirijo e que a modéstia (e somente a modéstia, sr. Diretor) me impede que chame de modelar. Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem dúvida é uma das muitas que aqui vêm e querem impedir que o Reformatório cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem. Primeiro vêm pedir lugar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa, e então saem a reclamar contra o Reformatório. Mas, como já disse, sr. Diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando à frente deste estabelecimento.

O que me abismou, sr. Diretor, foi a carta do Padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações. Esse padre (que eu chamarei padre do demônio, se me permitis uma pequena ironia, sr. Diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma séria queixa: ele tem incentivado os menores que o Estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação.

Porém, sr. Diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem vos pedir que envieis um redator ao Reformatório. Disso faço questão. Assim podereis, e o público também, ter ciência exata e fé verdadeira sobre a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo.

Criado agradecido e admirador atento,

*Diretor do Reformatório Baiano de
Menores Delinquentes e Abandonados*

Na carta do diretor do reformatório ao jornal, inicialmente percebemos à boa relação deste com o jornal, através das trocas de elogios feita na posição do jornal em relação ao reformatório e agora no elogio ao jornal, a qual o diretor diz ser um “*brilhante órgão da imprensa baiana*”. Quanto à arrogância do diretor, fica evidente quando o mesmo se refere à

carta de Maria Ricardina e do padre José Pedro. Principalmente à da costureira, a qual o diretor se fere como “*uma mulherzinha do povo*” com a qual não merece a sua resposta – trazendo mais uma evidência de superioridade social, cultural e econômica. Em relação ao padre, o diretor não desmerece o cargo social que o mesmo ocupa, mas sim questiona o fato dele ocupar tal cargo. Ou seja, o diretor respeita a posição do padre – diferente da posição da costureira - e questiona o merecimento do mesmo estar em tal posição social, por uma questão pessoal, consequência das críticas do padre em relação ao reformatório que o diretor administra.

UM ESTABELECIMENTO MODELAR ONDE REINAM A PAZ E O TRATADO - UM DIRETOR QUE É UM AMIGO - ÓTIMA COMIDA - CRIANÇAS LADRONAS EM CAMINHO DA REGENERAÇÃO - ACUSAÇÕES IMPROCEDENTES - SÓ UM INCORRIGÍVEL RECLAMA - O REFORMATÓRIO BAIANO É UMA GRANDE FAMÍLIA – ONDE DEVIAM ESTAR OS CAPITÃES DA AREIA.

(Títulos da reportagem publicada em edição posterior do jornal da Tarde, ocupando toda a primeira página, sobre o Reformatório Baiano, com diversos clichês do prédio e um do diretor).

Os títulos da reportagem posterior – ocupando toda a primeira página – revelam em que lado o jornal optou por defender. A visita – agendada – agora legitima a posição do jornal que é favorável ao diretor do reformatório e nem mesmo questiona os argumentos contrário e sim o oposto, quando afirma que “só um incorrigível reclama”.

Analisando os trechos selecionados, é possível visualizar uma forte relação desigual de poder, tanto nos discursos – onde alguns demonstravam maior valor da sua palavra justificada pela sua posição social – como também na localização das cartas dentro do jornal. Caracterizando uma desterritorialização das pessoas cujas cartas se localizam em uma parte de pouca visibilidade – como no caso do padre e da costureira - onde as suas falas possuem menos poder. Esses trechos identificam o conceito do território, num sentido abstrato, pois essa territorialização é identificada através dos textos e da maneira com a qual o jornal trata cada carta, baseada não em sua argumentação ou proximidade do caso, mas sim levando em consideração a posição hierárquica dentro do contexto social baiano. É nítida a diferença de tratamento que o veículo midiático da cidade realiza entre os agentes.

Outra questão a ser analisada é a percepção e o ponto de vista diferenciado desses agentes. Quais os interesses escondidos? Qual o real motivo de o reformatório privilegiar o

castigo à real recuperação social das crianças? Esses questionamentos são interessantes para desenvolver em sala de aula já que não são respondidos pelo livro e são extremamente complexos, possibilitando a relação com casos reais e atuais.

O trecho 7, diferente dos anteriores, está localizado no meio do livro e representa uma reportagem que noticia a prisão de Pedro Bala, o chefe dos Capitães da Areia.

Trecho 7 – Reportagem sobre a prisão de Pedro Bala, o líder dos Capitães da Areia (AMADO, 2009, p. 191 – 194).

(Manchete na primeira página) PRESO O CHEFE DOS "Capitães da Areia".

(Títulos) Uma menina no grupo - a sua história - recolhida a um orfanato - o chefe dos "capitães da areia" é filho de um grevista - os outros conseguem fugir - "o reformatório o endireitará", nos afirma o diretor.

(Sob o clichê vinha esta legenda): Após ser batida esta chapa o chefe dos peraltas armou uma discussão e um barulho que deu lugar a que os demais moleques presos pudessem fugir. O chefe é o que está marcado contra cruz e ao seu lado vê-se Dora, a nova gigolete dos moleques baianos.

(Notícia) Ontem a polícia baiana lavrou um tento. Conseguiu prender o chefe do grupo de menores delinquentes conhecidos pelo nome de "Capitães da Areia". Por mais de uma vez este jornal tratou do problema dos menores que viviam nas ruas e da cidade dedicados ao furto.

Por várias vezes também noticiamos os assaltos levados a efeito por este mesmo grupo. Realmente a cidade vivia sob o temor constante destes meninos, que ninguém sabia onde moravam, cujo chefe ninguém conhecia. Há alguns meses tivemos ocasião de publicar cartas do Dr. Chefe de Polícia, do Dr. Juiz de Menores e do Diretor do Reformatório Baiano sobre este problema. Todos eles prometiam incentivar a campanha contra os menores delinquentes e em particular contra os "Capitães da Areia".

Esta campanha tão meritória deu os seus primeiros frutos ontem com a prisão do chefe desta malta e de vários do grupo, inclusive uma menina. Infelizmente, devido a uma sagaz burla de Pedro Bala, o chefe, os demais conseguiram escapar de entre as mãos dos guardas. Em todo caso, a polícia já conseguiu muito prendendo o chefe e a romântica inspiradora dos roubos: Dora, uma figura interessantíssima de menor delinquente. Feitos estes comentários, narremos os fatos:

A TENTATIVA DE FURTO

Ontem, às últimas horas da tarde, cinco meninos e uma menina penetraram no palacete do Dr. Alcebíades Menezes, na ladeira de São Bento. Foram porém pressentidos pelo filho do dono da casa, estudante de medicina, que deixou que eles penetrassem num quarto, onde os trancou. Chamou então os guardas e investigadores, a quem os entregou.

A reportagem do "Jornal da Tarde", informada do fato, partiu para a casa do Dr. Alcebíades. Lá chegando, encontrou os menores que eram levados à Chefia de Polícia. Pedimos então para tirar um retrato do grupo. A polícia muito gentilmente consentiu. Pois no momento em que o fotógrafo acabava de fazer funcionar o magnésio e bater a chapa, Pedro Bala, o temível chefe dos "Capitães da Areia", facilitou a

EVASÃO

Pondo em prática uma agilidade incomum Pedro Bala se livrou dos braços do investigador que o segurava e com um golpe de capoeira o derrubou. No entanto não fugiu. É claro que os demais guardas e investigadores se precipitaram em cima dele para impedir a sua fuga. Só então foi possível compreender o plano do chefe dos "Capitães da Areia", pois este gritou para os companheiros presos.

- Arriba, pessoal.

Um único guarda ficara a tomar conta dos outros, e um deles, muito ágil, o derrubou também com um golpe de capoeira. E desabaram para a ladeira da Montanha.

NA POLÍCIA

Na Chefia de Polícia quisemos ouvir Pedro Bala. Mas ele nada nos disse como tampouco quis declarar às autoridades o lugar onde dormiam e guardavam seus furtos os "Capitães da Areia". Só declarou seu nome, disse que era filho de um antigo grevista que foi morto num "meeting" na célebre greve das docas de 191..., que não tinha ninguém no mundo. Quanto a Dora, é filha de uma lavadeira que morreu de varíola quando da epidemia que alastrou a cidade. Não faz senão quatro meses que está entre os "Capitães da Areia", mas já tomou parte em muitos assaltos. E parece ter uma grande honra nisso.*

NOIVOS

Dora declarou à nossa reportagem que era noiva de Pedro Bala e que iam se casar. É uma menina ainda ingênua, mais digna de piedade que de castigo. Fala no seu noivado com maior das ingenuidades. Não tem mais de quatorze anos, enquanto Pedro Bala anda pelos seus dezesseis. Dora foi levada ao Orfanato Nossa Senhora da Piedade. Neste santo ambiente não tardará a esquecer Pedro Bala, o romântico noivo-bandido, e a sua vida criminosa entre os "Capitães da Areia".

Quanto a Pedro Bala, será recolhido ao Reformatório de Menores logo que a polícia consiga que ele declare qual o local onde se esconde o grupo. A polícia tem grandes esperanças de consegui-lo ainda hoje.

OUVINDO O DIRETOR NO REFORMATÓRIO

O diretor do Reformatório Baiano de Menores Abandonados e Delinqüentes é um velho amigo do "Jornal da Tarde". Certa vez uma reportagem nossa desfez um círculo de calúnias jogada contra aquele estabelecimento de educação e seu diretor. Hoje ele se achava na polícia esperando poder levar consigo o menor Pedro Bala. A uma pergunta nossa, respondeu:

- Ele se regenerará. Veja o título da casa que dirijo: "Reformatório". Ele se reformará.

E a outra pergunta nossa, sorriu:

- Fugir? Não é fácil fugir do Reformatório. Posso lhe garantir que não o fará.

Analisando o último trecho, vimos reforçado o desejo de combate contra as crianças do grupo refletidos nos termos utilizados para referir à prisão de Pedro Bala, como, por exemplo, a afirmação de que “*a polícia baiana lavrou um tento*” ou quando declaram que há uma caçada em forma de “*campanha contra os menores delinquentes*”, para livrar a cidade da violência, informando indiretamente que os problemas criminais da cidade estarão resolvidos com a detenção dos capitães.

Outra confirmação que temos é a da boa relação do diretor do reformatório como o jornal, numa nítida relação de interesses pessoais – que logicamente influencia no modo em que os capitães são desenhados pela mídia - quando anunciam que “*o diretor do Reformatório Baiano de Menores Abandonados e Delinquentes é um velho amigo do "Jornal da Tarde". Certa vez uma reportagem nossa desfez um círculo de calúnias jogada contra aquele estabelecimento de educação e seu diretor*”.

Por fim, foi possível presenciar nos trechos a possibilidade de se trabalhar com diversos temas conjuntamente com o conceito de território. Pelo mesmo se basear na relação desigual de poderes, é possível ampliar a discussão para temas atuais e de grande interesse social como a violência, suas origens e consequências; a relação entre poder econômico e desigualdade social, suas origens e consequências; a pena de morte, seus interesses, quais os prejudicados, quais os benefícios que essa prática traria para a sociedade e ainda a eficácia do sistema judiciário relacionada à dimensão jurídico política do conceito de território; a posição da mídia no contexto de informação da população, quais os interesses que a mesma defende e o motivo de sua imparcialidade; o questionamento de verdades absolutas; a relação desigual entre grupos étnico-culturais; o tema da maioria penal e quais as consequências; entre outros temas transversais diversos e possíveis de se relacionar.

3.2 Atividades propostas

Importante comentar que as atividades propostas servem como uma estrutura de trabalho possível de ser trabalhada e não uma proposta fechada. Levando em consideração – como foi abordado no referencial teórico – que a subjetividade dos sujeitos que trabalharão com

essa atividade, assim como o contexto local da comunidade escolar e os objetivos dos professores envolvidos são essenciais para que o trabalho funcione, criamos uma estrutura simples que possibilite a liberdade dos agentes.

Primeiramente, entende-se como necessária a contextualização da obra, do autor, do momento histórico em que a mesma foi escrita e do momento histórico em que a história se passa. Esse ponto de partida é essencial para os sujeitos se localizarem espacial e temporalmente. Essa contextualização permitirá relações com o mundo globalizado atual.

O segundo passo será resumir a obra, contado essa de uma forma envolvente e criativa, a fim de criar o interesse nos sujeitos, ligando a mesma e suas personagens com o contexto histórico exposto anteriormente.

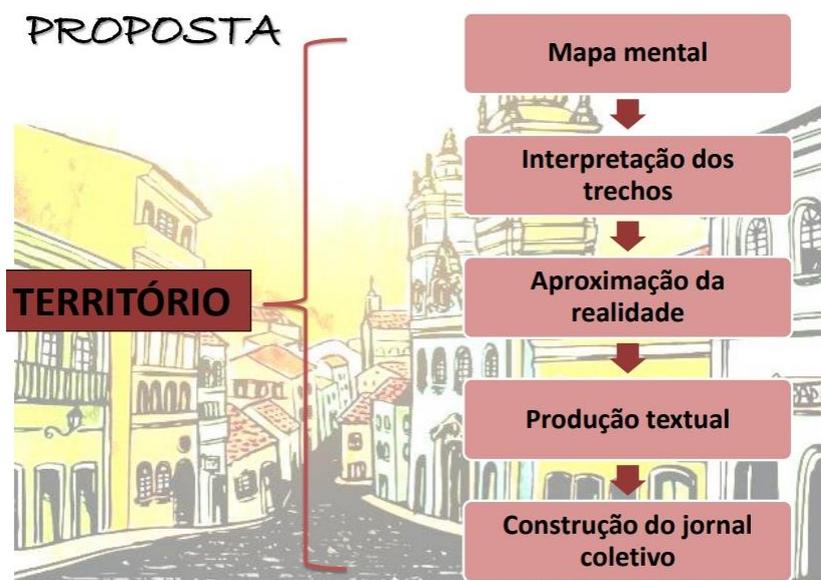
Após essa contextualização será trabalhado o livro. Refletimos sobre a possibilidade da leitura de toda a obra, porém consideramos alguns obstáculos, como a dificuldade de acesso, a dificuldade de interpretação e até mesmo o interesse na leitura total do livro. Embora seja interessante que os sujeitos leiam a obra inteira, é tranquilamente possível de se fazer um trabalho com trechos da obra.

A partir da leitura, pensamos em atividades para se discutir os elementos trazidos pelo trecho, enfatizando as relações de poder e a relação com o conceito de território. Nessa parte, por se tratar de um conceito mais abstrato é essencial a relação com exemplos concretos.

Depois de lidos os trechos, sugerimos a comparação com veículos midiáticos atuais de diferentes fontes, a fim de encontrar as mesmas relações de poder - expostas nas falas contidas na história – nas falas destes meios de comunicação reais.

É sugerida a realização de um projeto conjunto em que os alunos se tornem autores de um jornal, onde diversos assuntos trabalhados através dos trechos sejam abordados, assim como a aplicação de pontos de vista distintos que reforcem o conceito de território na perspectiva geográfica. Para exemplificar a proposta, construímos um esquema representado pela figura 5.

Figura 5 – Esquema com a metodologia proposta.



Produzido pelo autor

Por fim, é essencial para o desenvolvimento do trabalho, a elaboração conjunta de um cronograma e a distribuição das atividades do projeto, sendo enfatizada a necessidade do cumprimento dos prazos e dos compromissos assumidos.

3.2.1 Mapa mental

Segundo Kozel (2007), mapa mental é “uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais” (KOZEL, 2007, p.115), ou seja, é uma forma de representação do espaço que possibilita uma maior compreensão de sua complexidade material e simbólica. A mesma autora fala sobre a potencialidade da sua utilização em sala de aula como ferramenta preciosa “para o ‘fazer pedagógico’, sobretudo por oferecerem aos estudantes a interlocução como atores sociais e produtores do espaço geográfico” (KOZEL, 2008, p. 76). Portanto, é a atividade pensada para sintetizar a obra através de uma abordagem contextualizada, onde serão conectados aspectos, históricos, sociais, políticos e simbólicos, sempre pontuando as escalas local e global. É a partir dessa contextualização que propomos que a história seja contada – da forma mais atraente e criativa possível – para que os sujeitos se interessem pelo livro.

Sugerimos que a abordagem seja realizada na forma expositiva-dialogada, exaltando a participação da turma na construção de um mapa mental conjunto que estruture a conjuntura geográfica e histórica com a ficção contada pelo livro.

Esse mapa mental se constituirá em uma ferramenta importante para as atividades seguintes.

3.2.2 Trabalho com as colunas do jornal presentes no livro

Devido à dificuldade de fazer com que todos os sujeitos leiam efetivamente todo o livro – seja por motivos de desinteresse ou inclusive pela dificuldade de acesso – propomos que o trabalho seja realizado em cima dos trechos do jornal da ficção, em que os alunos deverão ler para basear as discussões. Acreditamos ser importantíssimo, sempre que possível, permitir que as discussões transgridam a ficção e se relacionem com temas do cotidiano, justamente para cumprir um dos preceitos da interdisciplinaridade que é a relação com a realidade.

O método de trabalho que propomos é a leitura individual de todos os trechos (pode ser optada a divisão por grupos e posterior apresentação para a turma) sendo solicitada a relação com o contexto atual onde serão comparados com reportagens do cotidiano sobre criminalidade - preferivelmente realizada por menores de idade – população em situação de rua, desigualdade social, entre outros.

Alguns temas atravessadores possíveis de serem trabalhados conjuntamente com o conceito de território, através da discussão dos trechos do livro são:

- Violência e criminalidade;
- Desigualdade social e econômica;
- Moradores em situação de rua;
- Maioridade penal;
- Pena de morte;
- Diversidade cultural;
- Formação espacial das cidades;

3.2.3. Leitura de textos de meios de comunicação atuais

A proposta então de relacionar as mensagens dos trechos do livro com discursos presentes no nosso cotidiano vem justamente da comparação com notícias atuais. Aqui fica a necessidade dos organizadores do trabalho levarem para a discussão os discursos presentes em

veículos midiáticos de diferentes fontes, sejam informais como os presentes em redes sociais – aí já pode ser discutida a diferença de alcance da informação que a globalização permite e o surgimento de outros agentes de propagação da informação – ou de grande prestígio social.

Como exemplo sugerimos que sejam selecionadas reportagens com ideologias contrastantes – mais conservadores e mais progressistas, menos humanitários e mais humanitários – justamente para ser possível a percepção das diferenças territoriais entre esses agentes. Importante ser discutido quais possuem maior credibilidade com a população e por qual motivo.

Citamos alguns exemplos a seguir:

- Jornais de grande alcance social no contexto porto alegre (Zero Hora, Diário Gaúcho, Correio do Povo, entre outros jornais brasileiros possíveis de serem encontrados na internet).
- Revistas com viés mais político (Le monde Diplomatique, revista Piauí, Revista Veja, entre outras). Um artigo sugerido especificamente que acreditamos ser interessante para ser discutido, está presente na edição 91 da revista Le monde Diplomatique que fala sobre a relação da criminalidade infantil com a obra de Jorge Amado e é possível de ser encontrado na seguinte referência:

Artigo do Le monde Diplomatique sobre a infância nas ruas: “Capitães da areia: até quando?” Escrito por Leandro Galvão e presente na Edição 91 (04/02/2015).

- Jornais populares, como o Jornal Boca de Rua de Porto Alegre (produzido por moradores de rua) possível de ser encontrado nos seguintes endereços:
 - ◆ <https://jornalbocaderua.wordpress.com>
 - ◆ https://www.facebook.com/jornalbocaderua/?ref=br_rs
- *Youtubers* e influenciadores de opinião presentes em redes sociais (canais do *youtube*, páginas de informação do *facebook*, *Twitter*, etc.).

3.2.4. Criação de contos

A partir da pesquisa, que sugerimos ser realizada em conjunto entre professores e alunos, propomos um trabalho de escrita de contos de ficção, onde eles possam desenvolver histórias que trabalhem os temas relacionados ao livro ou que foram desencadeados pela discussão do mesmo. Esses contos serão responsáveis por preencher o jornal construído pela turma.

3.2.5. Criação de um jornal da turma

A criação de um jornal coletivo pela turma é o objetivo principal do trabalho a ser desenvolvido e servirá como produto final do processo criativo. Nele serão trabalhados os discursos, as informações, questões locais entre diversas abordagens possíveis. Nesse jornal poderão ser incluídas diversas formas de linguagem, como charges, caricaturas, desenhos, informes esportivos, climáticos, contos de ficção, colunas, entre outros diversos elementos que compõem a configuração de um jornal. Com essa atividade, se espera a construção o interesse coletivo com o objetivo de concluir o mesmo projeto, facilitando com que o conhecimento geográfico – para além do conceito de território – seja explorado e construído dentro do espaço de sala de aula.

A avaliação do trabalho será realizada durante todo o processo, a partir do cumprimento das atividades, da integração e interesse dos sujeitos e das atividades de pesquisa, discussão e escrita. Os professores podem utilizar métodos para cobrar dos alunos o cumprimento de tais atividades.

4 CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

O objetivo do trabalho foi – através de uma obra literária - criar uma aproximação entre geografia e literatura com a finalidade de trabalhar com o conceito de território utilizando uma forma lúdica, atraente e concreta visando proporcionar maior integração dos sujeitos com o conteúdo geográfico.

Através da análise dos trechos, foram identificadas diversas relações do conceito de território com os discursos contidos e a partir da análise dessas falas, torna-se possível a transgressão das barreiras disciplinares, de modo que as vivências dos indivíduos se cruzarão com a história. Essa identificação possibilitará aos sujeitos perceber maior sentido nos conceitos geográficos, exemplificados em uma situação concreta. A realidade violenta trabalhada no livro é possível de ser absorvida pelos indivíduos devido ao fato de que todos já devem ter se deparado com essa situação, seja através de um fato particular em que tenham sofrido algum tipo de violência, seja através das informações que circulam nos meios sociais de comunicação.

Por se tratar de um tema comum a todos, tende a facilitar a compreensão e o interesse por esses fatos. Além disso, a história se refere a um grupo de crianças de 8 a 16 anos, idade próxima a dos sujeitos em idade escolar, o que possibilitará a identificação com as personagens. Essa proximidade faz com que seja mais fácil a construção da empatia destes com as personagens da ficção, possibilitando um olhar mais humano e subjetivo em relação às situações, diferente da objetividade com que muitos desses complexos casos são tratados pelo senso comum. Frases como “bandido bom é bandido morto” acabam por ser discutidas de uma forma diferente quando se está tratando de crianças. Os contextos em que as mesmas são criadas são levados em consideração durante a discussão das práticas criminosas. Este exercício permite o desenvolvimento do olhar crítico e do questionamento de verdades absolutas, assim como a desmistificação de conceitos tidos como determinantes em nosso meio social. Habilidades essenciais para a construção da autonomia dos sujeitos.

Em relação à interdisciplinaridade, acreditamos que é aproximada através da utilização de ferramentas literárias e de exercícios - como o da escrita de contos. A geografia serve justamente para enriquecer as análises e promover maior complexidade nas argumentações. Sugere-se, contudo, que essa atividade seja planejada e organizada coletivamente com os professores de literatura, afim de que sejam trabalhados conceitos literários mais específicos, ampliando a troca entre as disciplinas. Posterior a esse planejamento prévio, é essencial que o

projeto do jornal seja organizado coletivamente com os sujeitos para que eles de fato sintam-se autores e não meros coadjuvantes que realizam determinado trabalho com o objetivo de obter uma nota. Essa noção de autoria, conseqüentemente, irá ajudar no fortalecimento do interesse dos sujeitos, tirando eles da passividade de uma aula expositiva para a atividade de um projeto coletivo.

Concluimos esse trabalho, portanto, com a percepção de que se trabalhar com ferramentas mais lúdicas e atraentes pode ser sim uma estratégia para integrar os sujeitos – a fim de enfrentar a desvalorização da geografia - sem que isso resulte em um distanciamento da ciência geográfica. Por fim, fortalecemos a ideia de que essa pesquisa não traz resultados definitivos e sim está associada à um processo, encorajando, portanto, novas pesquisas a fim de que o conhecimento mantenha-se em constante estado de renovação.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Cacau**. 1ª edição, Ariel Editora, Rio de Janeiro, 1934.

_____. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Dona Flor e seus dois maridos**: história moral e de amor. 1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1966.

_____. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 1ª edição. Petrópolis - Rio, 1958.

_____. **Tieta do Agreste**. 1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1977

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm > acessado em 20/09/2018 às 06:33.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; **A Geografia do espaço turístico como construção complexa da comunicação**. 2004. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

DECARTES, René. O discurso do método. 1637. in **Obras escolhidas**. Introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun; tradução de Jacob Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Difel – Difusão Européia do Livro, 1962 (col. Clássicos Garnier); 21973, pp. 39-103. 2ª ed. 1973.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Revista Ideação** – Unioeste – Campus Foz do Iguaçu v. 10 - nº 1 - p. 41.62 - 1º sem. 2008.

GALLO, Sílvio. Currículo: entre disciplinaridades, interdisciplinaridades...e outras ideias. In: SILVEIRA, Érico da (org.). **Currículo**: conhecimento e cultura – Programa Salto para o Futuro. Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, Ano XIX, N. 1, abr. 2009.

GALVÃO, Leandro. Capitães da areia: até quando?. **Le monde Diplomatique Brasil**. Edição 91 (04/02/2015), Disponível em: < <https://diplomatique.org.br/capitães-da-areia-ate-quando/>. > Acessado em 10 de novembro de 2018.

GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GOOGLE. Mapa do centro da cidade de Salvador. 2018. Google Maps. **Google**. Disponível em < <https://www.google.com.br/maps/place/Salvador+-+BA/@-12.9894166,-38.5310232,13.75z/data=!4m5!3m4!1s0x716037ca23ca5b3:0x1b9fc7912c226698!8m2!3d-12.977749!4d-38.5016301> >. Acesso em 15 de novembro de 2018.

GUERRA, Rayanderson. Bolsonaro defende que professores sejam gravados: 'Tem que se orgulhar e não ficar preocupado'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2018. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defende-que-professores-sejam-gravados-tem-que-se-orgulhar-nao-ficar-preocupado-23212616> >. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. In: Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades, 2004. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. Etc, espaço, tempo e crítica - **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas** - nº 2 (4), vol. 1, Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 2007.

HARVEY, David. 2006. Space as a keyword. In: Castree, N. e Gregory, D. (org.) **David Harvey: a critical reader**. Malden e Oxford: Blackwell. Tradução livre: Letícia Gianella. Revisão técnica: Rogério Haesbaert e Juliana Nunes.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1976.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Tradução de Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa, 2001.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S.; COSTA SILVA, J.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 114-138.

_____. Representação e ensino: aguçando o olhar geográfico para os aspectos didáticos-pedagógicos. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 69-89.

MICHAELIS. **Dicionário Online de língua portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em < <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=jLZo> > Acesso em: 23 nov. 2018.

MORIN, Edgar. A Articulação dos saberes. In.: MORIN, Edgar, ALMEIDA, Maria da Conceição; CARVALHO, Edgard de Assis (orgs). **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo:Cortez, 2002.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. O Solo, Sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia; n.º 2 FFLCH/USP**, 1983.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.